



# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação  
**Fazenda Sobradinho**

código  
**AI - F12 - BM**

localização  
**Estrada Rialto – Resende, km 05**

município  
**Barra Mansa**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**pecuária leiteira e agricultura familiar / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



acesso principal da Fazenda Sobradinho

coordenador / data **Raymundo Rodrigues – fev 2009**  
equipe **Ariel Rodrigues, Ian Pozzobon e Marcos Reco Borges**  
histórico **Ivan Marcelino de Campos**

revisão  
**Coordenação técnica do projeto**





situação



ambiência



O acesso a esta propriedade ocorre via distrito de Floriano, junto ao km 292 da Rodovia Presidente Dutra, sentido São Paulo / Rio, acessando a estrada municipal que liga essa localidade a Rialto, também distrito de Barra Mansa. O outro acesso é através do bairro Bocaininha, em Barra Mansa, pela estrada que liga a sede deste município até Rialto. A Fazenda Sobradinho, está localizada a 5 km de Rialto, importante reduto histórico de Barra Mansa, próximo de Bananal–(SP) e da antiga estrada Rio–São Paulo.

A Fazenda Sobradinho está implantada em um vale extenso e estreito, cortado pelo córrego do Cafundó. Há muito pouca vegetação nessa região, resumindo-se a pequenos núcleos de mata ciliar. No lado esquerdo da estrada, no sentido Rialto-Resende, à cerca de 2 km da fazenda, existe uma lagoa. Ao norte da casa-sede, observam-se trechos de mata secundária e, a leste, pomar com bananeiras, goiabeiras, cítricas etc. (f01). As construções da propriedade estão voltadas para o quadrante nordeste, distantes da estrada principal cerca de 250 m, passando por um acesso que corta uma zona de pastagem, abundante em umidade (f02).



01



02

Construção típica setecentista, com telhado em quatro águas, com cumeeira paralela às fachadas mais extensas e espigões nas extremidades, conferindo horizontalidade aos beirais, com acabamento em lambrequim estilizado (f03), seguramente não originais. Nos cunhais existentes nos quatro cantos da construção, cornijas em forma de cimalha completam o coroamento (f04).

As janelas de madeira têm folhas cegas e duplas no fechamento, sem a presença de guilhotinas – colocadas tradicionalmente na parte externa –, ou mesmo o registro de sua existência em algum momento. Com relação às janelas, chama a atenção o fato de que em algumas delas as folhas abrem-se para dentro dos cômodos (f05), enquanto que, em outras, para o lado externo (f06).

O porão ocupa toda a área correspondente ao piso superior, estando pouco compartimentado, mantendo piso em concreto e barrotes de sustentação do assoalho do pavimento superior, aparentes. Esta parece ser a parte da casa-sede mais próxima do original (f07 e f08).



03



04



05



06



07



08



Não foi identificada nenhuma evidência dessa construção pertencer ao século. XIX. Normalmente, alguns dos vestígios da gênese da casa transparecem nas bandeiras das portas, onde há alguns vãos em vergas retas e outros em arco, ambos inexistentes no caso em questão. As cercaduras (marcos) de todos os vãos são revestidas em pedras retangulares laminadas (f09) e o porão apresenta as paredes externas revestidas com pedras de mão, em forma de barrado.

Os forros em todos os cômodos são em madeira do tipo lambri comercial contemporâneo (f10). Essas observações reforçam a tese de que a casa-sede passou por forte processo de modernização nas últimas décadas. Percebe-se também a existência de estruturas históricas de pedra seca, como se fossem contrafortes, perpendiculares e niveladas entre si, nas fachadas norte e oeste (f11 e f12). Essa evidência pode significar que, por algum tempo, houve uma construção nesse mesmo local com dimensões maiores.



09



10



11



12

Não foi possível determinar as técnicas construtivas da casa-sede. Todas as paredes estão impecavelmente emboçadas, rebocadas e pintadas. Originalmente, teriam sido construídas em pau-a-pique, tendo em vista a existência de furos nos frechais sustentados pelos cunhais da fachada principal (ver f04). Na maioria das vezes, quando as paredes externas são executadas nessa técnica construtiva, as internas também o são.

O alpendre existente é uma intervenção posterior à construção original. Além de escurecer os cômodos, pela sua profundidade, não é compatível com o desenho do telhado principal (f13 e f14). Devido ao fato de nessa fachada haver a necessidade de vencer a altura do porão, seguramente deveria existir escada que fazia a ligação entre os dois pavimentos.

A casa-sede é utilizada pelo proprietário sazonalmente. As atividades econômicas da Fazenda Sobradinho estão ligadas à agropecuária e à agricultura familiar.



13



14



A casa-sede encontra-se em perfeito estado de conservação, sem infiltrações, falhas nos forros e pisos e ou trincas nas fundações e vedações (f15 e f16). Os acabamentos utilizados, como massa corrida nas paredes, pintura à base de PVA e assoalho de madeira comercial, entre outros, distanciam essa construção do universo da maioria das fazendas históricas. Porém, ao mesmo tempo, pode ser entendido como uma forma de manutenção da construção, apesar dos equívocos no que diz respeito à utilização destes materiais.

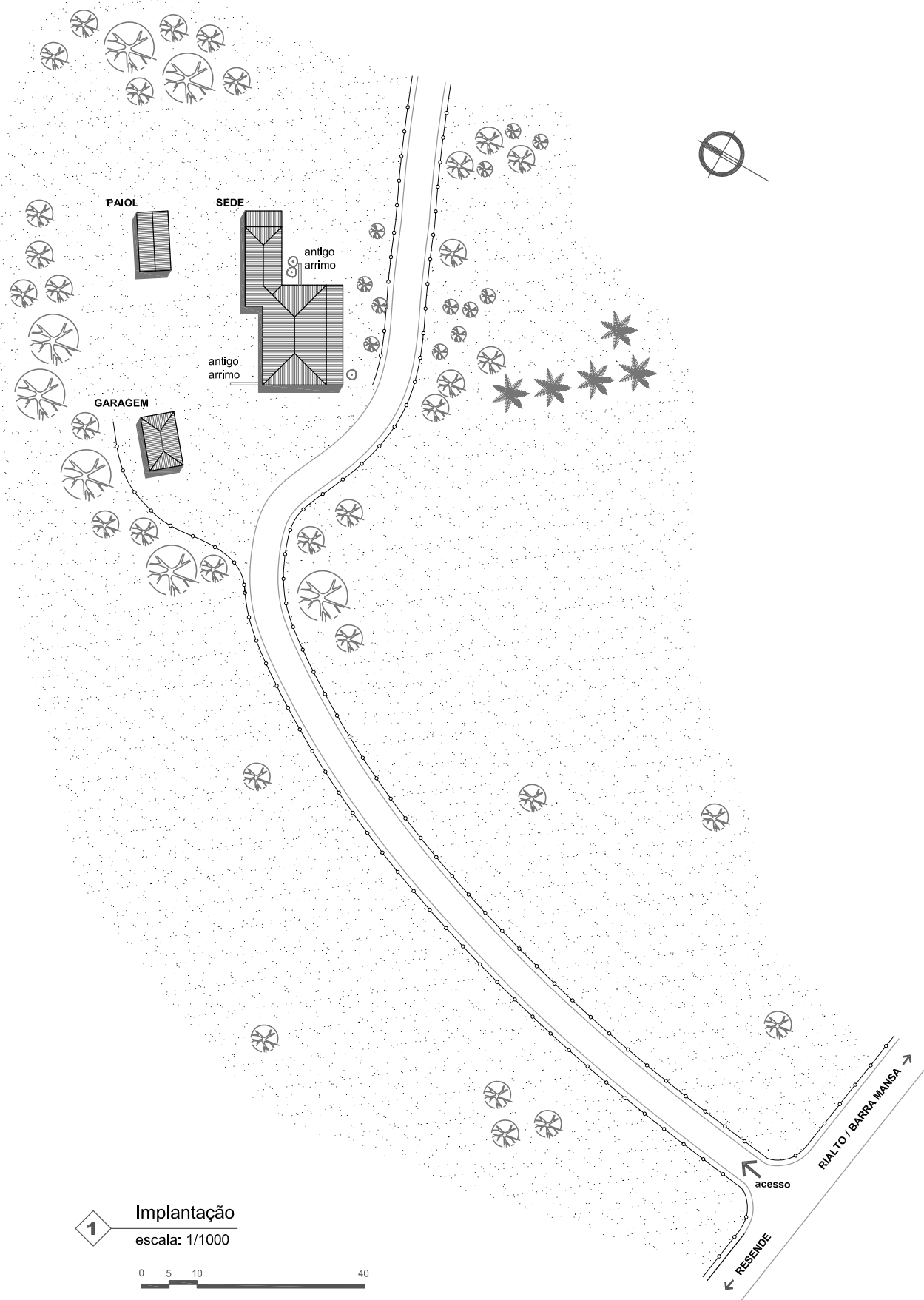


15



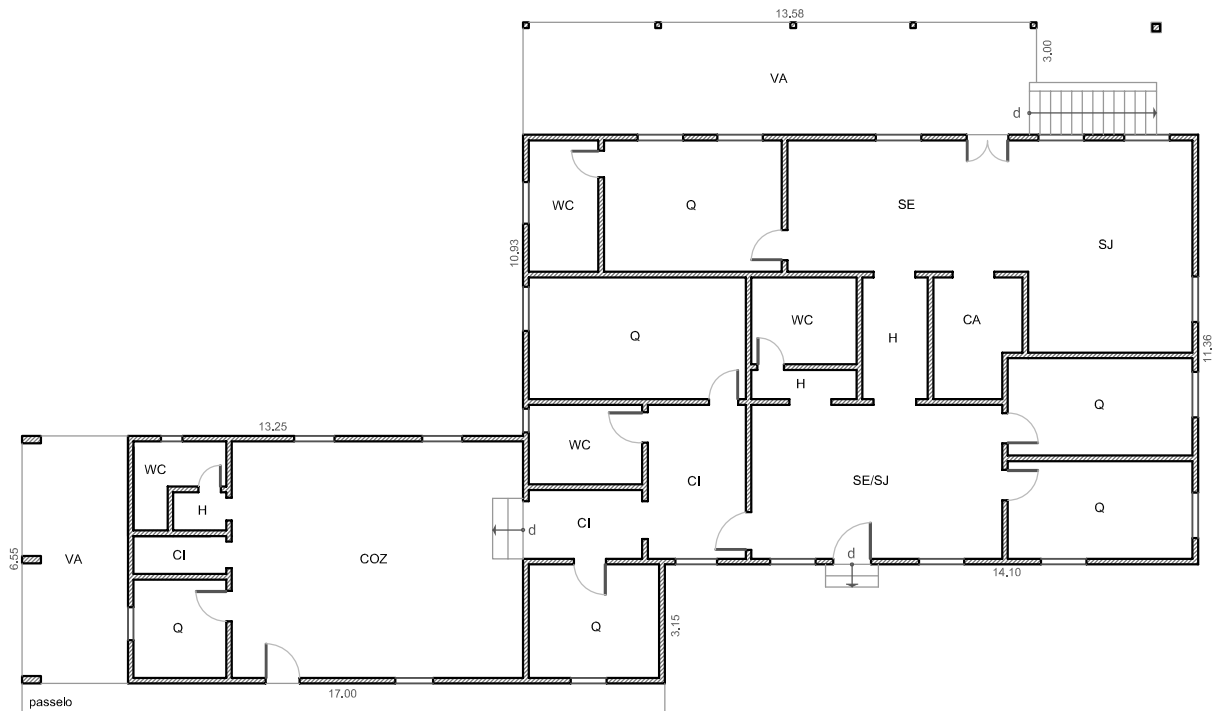
16

# FAZENDA SOBRADINHO

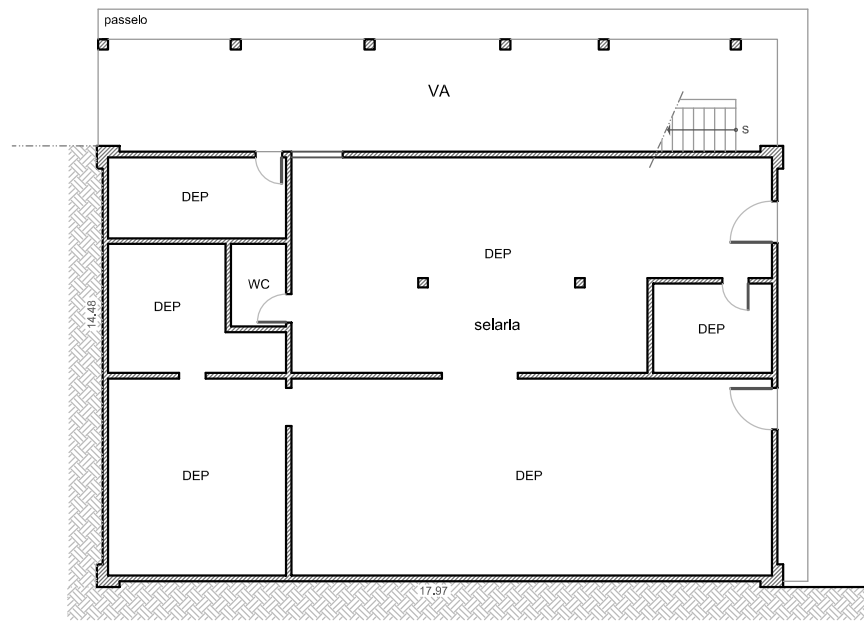




**FAZENDA SOBRADINHO**



**2** Planta Baixa da Sede - 1º Pavimento  
escala: 1/200



**1** Planta Baixa da Sede - Porão  
escala: 1/200



CA - capela    COZ - cozinha    H - hall    SJ - sala de jantar    VA - varanda  
CI - circulação    DEP - depósito    SE - sala de estar    Q - quarto    WC - banheiro

▨ alvenaria existente  
▤ alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AI - F12 - BM

**2/2**

equipe:  
M. Borges / R. Rodrigues / A. Rodrigues / I. Pozzobon

desenhista:  
J. Coli

revisão:  
Francyla Bousquet

data:  
jan 2009

Localizada na Estrada Rialto – Resende (RJ), cortada pelo antigo caminho de mulas de acesso à Estrada de Ferro Bananalense<sup>1</sup>, a fazenda está situada a 12 km da sede do distrito de Rialto, outrora denominado Freguesia do Divino Espírito Santo da Barra do Turvo.

É uma das fazendas remanescentes do período do ciclo do café do vale paraibano que permanece bem conservada e com muitos traços do período áureo. Originou-se em consequência da expansão da ocupação humana feita pelos fazendeiros do café que povoaram Bananal-(SP), ainda no século XVIII ao longo do “Caminho Novo”, e proximidades, que culminou com a ascensão de toda região, em especial o Distrito de Rialto, em Barra Mansa-(RJ).

Inúmeras foram as fazendas encravadas no distrito, pela pujança do ouro verde que fez surgir a Estrada de Ferro Bananalense, cortando a Freguesia do Divino Espírito Santo da Barra do Turvo, ligando Saudade, em Barra Mansa-(RJ), à Bananal-(SP).

Rialto<sup>2</sup> foi grande produtor de café, respondendo, em 1850, com suas 160.000 arrobas (15 kg cada), por cerca de 21% da produção do município que era de 760.000 arrobas, equivalentes a 11.400t.

Para a expressiva produção de café, Rialto contava com dezenas de fazendas, como: Campo Alegre, Cafundó, Concórdia, Chalet, Bocaina, Astréa, Conceição e São José (antiga Fazenda do Turvo), entre outras, sendo que algumas delas produziam, individualmente, mais de 10.000 arrobas de café em coco por ano, produção considerável dentro do contexto cafeeiro do Vale do Paraíba.

A Fazenda Sobradinho originou-se do desmembramento das terras da Fazenda Campo Alegre, quando esta tinha 200.000 pés de café, cabendo a aquela 140 alqueires de terra.

Os primeiros proprietários das terras do Sobradinho, quando esta ainda pertencia a Campo Alegre, eram o Comendador Luciano José de Almeida<sup>3</sup> e sua mulher, D. Maria Joaquina de Toledo Sampaio (a Matriarca), entre segunda e quarta década do século XIX. O casal fez doação dotal à filha Francisca quando esta se casou com Manoel de Freitas Silva, que a explorou em sociedade com Pedro Ramos Nogueira (Barão de Joatinga)<sup>4</sup> e sua esposa Placídia Maria de Almeida (Baronesa de Joatinga), filha do comendador. Nesse período é que foi construída a Sobradinho.

Por volta de 1880 a fazenda foi comprada por João Batista Soares<sup>5</sup>. Com sua morte, a fazenda ficou por herança a seu filho, o coronel João Batista Soares Júnior (nascido em 1850) e sua esposa, Virginia D’Almeida Soares.

Na década de 1890, os proprietários enfrentaram o impacto do período de transição entre os ciclos do café e o da pecuária leiteira<sup>6</sup>, que gerou grande transtorno e, em consequência, a fazenda passou para mãos de novo proprietário, a família Guimarães. Sobre esta transação<sup>7</sup> não conseguimos dados concretos, se foi venda ou se foi recebida por herança, pois os documentos que seguem nos deixam dúvida, porque registram o casamento de um dos filhos do proprietário com uma moça da família Guimarães.

Por volta de 1920, Guilhermina Leal<sup>8</sup>, vulgo “Dona Sinhá”, comprou a fazenda e na década seguinte vendeu-a a João Guimarães. Em 1942, João Guimarães vendeu a fazenda para o gaúcho Marcolino Rosa Nepomuceno da Silva e esposa, a argentina Thereza Raggio da Silva.

Marcolino fez restauração quase que completa na fazenda, tendo sido ele quem assentou os ladrilhos portugueses existentes até hoje no piso de sua cozinha. O material usado na reconstrução chegava por Bananal-(SP), via Fazenda Bela Vista, vizinha desta, de propriedade do Dr. Peixoto de Castro, seu amigo.

A dificuldade de acesso fez com que Marcolino se tornasse o pioneiro na abertura da estrada de ligação entre a fazenda e a sede do distrito de Rialto, que até então tinha um acesso precário. Ele colaborou ainda para as melhorias desta estrada, ligando-a com o Município de Resende-(RJ).

A energia elétrica utilizada na fazenda foi instalada através de motor a óleo e atendia a todos os seus setores. A produção da fazenda era dedicada à pecuária de leite e corte, além de criação de porcos e à plantação de alguns pés de café esparsos.

A hortifruticultura era de subsistência e parte da produção era enviada, por filantropia, para a Santa Casa de Barra Mansa, onde Marcolino era Irmão Remido. Marcolino foi, também, presidente da Cooperativa Agropecuária do Município de Barra Mansa-(RJ), hoje, uma das maiores do Estado, tendo sido feito em sua gestão a aquisição e construção do armazém.

Em 1969 Marcolino dividiu a fazenda para as filhas, Alzira da Silva Chiesse e Neli da Silva Bruno, sendo que esta continuou nas terras, fundando a Fazenda Santa Lúcia, e a primeira vendeu sua parte, que incluía a sede da fazenda, para Frederico Amante Filho<sup>9</sup>.

Com a morte de Frederico, em 1974, a Fazenda Sobradinho ficou por herança à sua filha Valéria Amante Chidiquimo que, entre 1992/94, a vendeu para Evandro Novaes, que fez reforma significativa preservando suas características. Nesse período foi instalada a energia elétrica.

No ano de 2004, Evandro vendeu Sobradinho para Antônio Diniz do Nascimento. Este efetuou novas reformas, mas não a descaracterizou. Hoje a fazenda possui 49 alqueires distribuídos em pasto, capineira, canavial e matas, entre outros

---

<sup>1</sup> A primeira idéia para construção do ramal ferroviário da Estrada de Ferro Bananalense foi do engenheiro Manoel Antônio da Silva Reis e de Antônio Alves da Silva Sá, mas, estes nada conseguiram de fato. Em 1880, o Decreto de nº 7.698, de 03 de maio, concedeu ao Sr. José Leite Figueiredo o privilégio da estrada de ferro. Em 07 de junho houve a primeira reunião de lavradores presidida pelo Sr. Visconde de São Laurindo quando foi aprovado o Estatutos da Cia. Estrada de Ferro Ramal Bananal-(SP) - Barra Mansa-(RJ). Em 1882, foi eleita a primeira diretoria da Cia E.F.R.B., composta por Cândido R. Barbosa (Barão de Ribeiro



Barbosa), pelo Dr. João Álvares Rubião Júnior e pelo Barão de Almeida Valim (Luciano José de Almeida Valim). Em 08 de agosto de 1883 foi inaugurada a estação de Rialto. Com o desaparecimento do braço escravo, em 1888, o Comendador José de Aguiar Vallim e D. Domiciana salvaram a companhia da ruína certa. Em 1888, na parada da Glória foram assassinados o Coronel Pedro Ramos Nogueira e o Engenheiro José Caetano Horta Barbosa, que construíram a metade da estrada. Em 13 de outubro de 1888, o ramal alcançou a Fazenda Três Barras. Em 01 de janeiro de 1889 foi inaugurado o tráfego de passageiros e cargas da Estrada de Ferro do Bananal. Em 25 de setembro de 1891, a União encampou a Estrada de Ferro Bananalense, passando-a para a Estrada de Ferro Central do Brasil, que por sua vez repassou-a para a Estrada de Ferro Oeste de Minas. Em 1931, voltou novamente o ramal à Central do Brasil. Em 01 de novembro de 1965, o Decreto Federal nº 57.149 passou o patrimônio da Rede Ferroviária Federal S/A para o antigo Departamento de Correios e Telégrafos e posteriormente ao Patrimônio da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, por força do Decreto Lei nº 509/69 de 20 de março;

<sup>2</sup> Segundo o historiador e genealogista Roberto Guião de Souza Lima;

<sup>3</sup> Comendador Luciano José de Almeida, em data posterior a 1840, foi proprietário da fazendinha dos Paulas, depois, Fazenda Astréa, no distrito de Rialto, adquirida de Felicidade e Domiciano de Oliveira Arruda, que a receberam por doação do pai daquela, o Comendador Antônio Barbosa da Silva, o “Baú”. Essa fazenda foi doada ao seu filho Luiz Antônio de Almeida, nascido em 1844. Em 05/10/1885, o comendador Antônio Luiz de Almeida, constituiu o doutor Adolpho Pereira de Burgos Ponce de Leon, especialmente para levantar no Banco da Lavoura e do Comércio no Rio de Janeiro, até a quantia de setenta contos de reis, dando como garantia de hipoteca sua propriedade rural denominada “Astréa”, situada nesta Freguesia. Em seu inventário de 1854 e no de sua mulher D. Maria Joaquina de Sampaio Almeida, em 1882, consta que os mesmos foram, durante a maior parte do século XIX, proprietários da Fazenda Boa Vista, em Rancho Grande, que tinha como dependências as fazendas Cachoeira, Córrego Fundo e Fazendinha no sertão da Jararaca, na Serra do Mar, Município de Bananal-SP). Incluindo nesta propriedade a Campo Alegre, que na época tinha 200.000 pés de café, o total de terras do casal somava cerca de 4.000 alqueires. O comendador foi homenageado com logradouro público no distrito de Rialto denominado “Rua Comendador Almeida”, regulamentada a pedido do autor deste texto, pela Lei 3.175 de 17/04/2001;

<sup>4</sup> Pedro Ramos Nogueira (Barão de Joatinga) nasceu na Fazenda Loanda, em Bananal. Era filho do Major José Ramos Nogueira, sargento mor da Imperial Guarda de Honra de D. Pedro I, Cavaleiro da Ordem de Cristo, nascido em Rezende, em 1787 e casado com Domiciana Leopoldina da Conceição, nome que consta do testamento de sua filha Augusta Maria, existente no cartório do 1º ofício, de Bananal. Domiciana era filha do primeiro casamento de Luiz José de Almeida com Ana Maria Nogueira. Enviuvando em 1789, Luiz José contraiu segundas núpcias naquele mesmo ano com Ana Maria da Conceição Pinto, nascida em 1773 e falecida em 1814, em Bananal (filha de Antônio Rodrigues Pinto, falecido em 1797), sesmeiro da Fazenda Boa Vista, casado com Ana Joaquina da Conceição, nascida em Queluz-SP. Desse segundo casamento nasceu o comendador Luciano José de Almeida, em 1796, falecido no Bananal em 1854, casado com Maria Joaquina de Toledo Sampaio Almeida a “Matriarca do Bananal”, nascida em Taubaté em 1803 e falecida no Bananal, em 1882. João Bonifácio Gomes de Gouveia e sua mulher Ana Maria, bem como Pedro Ramos Nogueira (nascido em 23/11/1823 e falecido em 07/01/1885) e sua mulher Placídia Maria de Almeida (nascida em 09/10/1827, na faz Boa Vista, e falecida em 29/01/1902, em São Paulo), filha do Comendador Luciano José de Almeida e da “Matriarca”, constituíram troncos de importantes famílias do Bananal-SP). Pedro Ramos Nogueira estudou no Colégio Pedro II e, posteriormente, em 1841, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sem, no entanto, concluir o curso, por motivos de saúde. Desde os primeiros tempos de escola, interessou-se por política, participando, como cabeça de um motim estudantil no colégio Pedro II, por causa liberais. Liberal por princípio e temperamento foi político de destaque em Bananal, membro ativo do Partido Conservador a partir de 1861, depois de ter defendido, por algum tempo, os ideais liberais. Dedicou grande parte de sua vida à política, sempre ao lado de seus dois filhos. Foi proprietário de belíssima ilha em Angra dos Reis, chamada Ilha de Joatinga, famosa em sua época, com enorme casa de sede toda em mármore branco. Recebeu o título de “Barão de Joatinga” por decreto de 28 de março de 1877, ocasião em que doou a importância de 10:000\$000 à instrução pública. Para comemorar, seus cunhados se reuniram e ofereceu-lhe, bem como à D. Placídia, grande baile com toda a pompa de Bananal dos velhos tempos;

*“Consta-nos que foi agraciado com o título de Barão de Joatinga o distinto cidadão o exmo. snr. Pedro Ramos Nogueira, proprietario e capitalista d’este municipio. Foi mais um acto de inteira justiça emanado de nossa excelsa prínceza regente, galarndoando os mais importantes e relevantes serviços prestados por aquelle cidadão a causa do paiz em todas as emergencias em que se tem achado. Em verdade o exmo. snr. Pedro Ramos Nogueira, membro de uma das mais concideradas familias d’este Municipio, nunca poupou sacrificios de qualquer natureza para o engrandecimento de nosso paiz, sempre que se tem tornado preciso appellar-se para o seu civismo e patriotismo. Dando esta feliz noticia felicitamos ao nosso digno conterraneo o exmo. snr Pedro Ramos Nogueira e à toda sua nobre familia.” – Jornal Echo Bananalense – 7-IV- 1877 – fls3.*

Pedro Ramos Nogueira viveu com sua família na Fazenda Loanda, onde cresceram seus filhos e onde veio a falecer. D. Placidia seguiu o caminho de sua mãe, seu nome estando presente em todas as listas e subscrições que se fazia em benefício da pobreza de sua cidade, assim como da Matriz de Bananal. Foi ela quem doou o nicho em que se encontra a imagem do Senhor do Bom Jesus e um riquíssimo lustre, todo de prata, hoje desaparecido. Espalhou o bem à sua volta, o que fez dela uma figura muito querida. Mereceu honrosas citações nos jornais de São Paulo, por ocasião de seu falecimento na capital paulista, a 27-III-1902.

*“Necrologia — Baroneza de Joatinga: Hontem pela manhã, a sociedade perdeu para sempre um dos seus ornamentos mais preciosos; a exma. snra. Baroneza de Joatinga, veneranda matrona paulista ligada por laços de sangue e de afinidade a respeitáveis famílias do Estado, e mãe do illustre Senador snr. dr. José Luiz de Almeida Nogueira. A virtuosa senhora falleceu às 9 horas da manhã, cercada dos carinhos de numerosos íntimos, que todos a amavam e veneravam pelas suas altas qualidades de coração. Victimaram-na antigos padecimentos, que a retinham no leito desde algum tempo. Compreendendo a magnitude da dor que ora assalta o coração de nosso prezado chefe, o snr. dr. Almeida Nogueira. apresentamos a S. Excia. bem como à sua exma. familia, as nossas mais sinceras e vehementes condolencias. O enterro effetua-se hoje às 8 horas da manhã, sahindo o féretro da Avenida da Intendencia 226, para o cemitério do Araçá.”*

Jornal “ O Correio Paulistano” – 30-III-1982

*“Baroneza de Joatinga: Coração magnanimo, sempre affeito à prática do Bem, a morte da virtuosa senhora é uma perda para a pobreza de que era uma das boas protectoras”- Jornal “ O Commercio de São Paulo” – 30-III-1902*

Luiz de Almeida N. Porto – Fazenda Maruzem – Bananal. 1994. Página: 72.

Pedro Ramos Nogueira Júnior, filho do Barão de Joatinga, nascido a 26/01/1852 na Fazenda Luanda e falecido a 18/07/1888 (assassinado por Antônio Nogueira de Macedo, vulgo Antônio Venâncio, a mando do Coronel Antônio José Nogueira, vulgo Nogueirinha), na Fazenda da Glória após pegar um trole na estação de Rialto), era casado com sua prima, Cândida Freitas de Almeida Silva (Candinha), filha da Francisca, nascida a 18/08/1856 na Fazenda Campo Alegre, Rialto, e falecida em 03/05/1926, em Bananal, no sobrado de sua família no Largo da Matriz (Praça Pedro Ramos) ocupado hoje pelo Hotel Brasil.

Maria Amélia de Almeida, n. 01/10/1876 fazenda Luana, casou-se em 16/08/1891 com Antônio Rodrigues de Carvalho, e faleceu em 12/03/1915, no Rio de Janeiro. Ele nasceu em 01/12/1856 e faleceu em Bananal, a 21/07/1942. Antônio e Amélia são os pais do autor do livro o “Caminho Novo: Povoadores do Bananal”, Píndaro Carvalho Rodrigues, e o Barão de Joatinga seu bisavô;

<sup>5</sup> Segundo os arquivos do historiador Ivan M. Campos, João Baptista Soares Júnior e sua mulher, D. Virginia D'Almeida Soares, deram, em 10/01/1890, procuração ao Dr. Adolpho Pereira Burgos Ponce de Leon, para levantar empréstimo em qualquer banco estabelecido no Rio de Janeiro, dando em garantia de hipoteca sua propriedade rural denominada Sobradinho. Em 03/10/1890, D. Virginia deu procuração a seu marido João Baptista Soares Júnior, para vender a Fazenda Sobradinho. Aquele ato foi assinado na Fazenda do Campo Alegre, de propriedade dos mesmos. O Juiz de Paz e Escrivão era Francisco de Campos Cardozo;

<sup>6</sup> Período em que as fazendas de café do vale paraibano do sul fluminense entraram em decadência, onde algumas foram quase que abandonadas e outras foram vendidas por baixos preços, quase que doadas. Datas aproximadas e referenciais, pois um ciclo não pôs fim ao outro;

<sup>7</sup> “Em 22/11/1912, no livro de edital sob o nº sete, folha nº 55, o escrivão Brás Mendes Leal registrou o fim dos proclamas para o casamento de Silvio de Almeida Soares com Maria América de Almeida Guimarães. Ele com 31 anos, filho do Coronel João Baptista Soares e da finada D. Virginia de Almeida Soares; ela filha do finado Manoel Pereira de Souza e de América de Almeida de Guimarães, natural e residente no distrito.”;

<sup>8</sup> Depoimentos de Leandro, Sebastião, Ivan Leal, moradores do distrito, e sobrinhos de Guilhermina Leal;

<sup>9</sup> Frederico Amante Filho, de família tradicional da região, foi proprietário de outras fazendas no distrito de Rialto, como Cachoeira, Pavão, Santa Luzia, Cafundó e Santa Cruz. No Município de Bananal-(SP) foi proprietário da Fazenda do Rialto. Além de empresário no setor da indústria, no Município de Barra Mansa-(RJ) e nas cidades de Belo Horizonte-(MG) e São Paulo-(SP).

### Fontes:

Arquivo do Cartório do 3º Distrito de Rialto, Barra Mansa-(RJ);

Arquivo do historiador Ivan M. Campos;

Arquivo histórico geral do autor do texto sobre o distrito de Rialto e região: 1990-2009.

Arquivo da Matriz de São Sebastião de Barra Mansa-(RJ);

Arquivo da Mitra Diocesana de Volta Redonda / Barra do Piraí, (RJ);

ATHAYDE, J. B. de. *A igreja matriz de São Sebastião da Barra Mansa: 1859-1959*. Volta Redonda: 1960;

*Baroneza de Joatinga: Coração magnânimo, sempre afeito à prática do Bem, a morte da virtuosa senhora é uma perda para a pobreza de que era uma das boas protectoras*. Jornal “O Commercio de São Paulo”, de 30-III-1902;

CAMPOS, Ivan Marcelino de. *O distrito de Rialto: História – Desenvolvimento – Perspectivas*. Barra Mansa: 1994.

*Depoimentos e informações sobre a história de Rialto: por moradores antigos*. Rialto: Dez 2008 e Jan/Ma 2009;

*Depoimentos: Historiador, Membro da ABH - Academia Barramansense de História, ex-Prefeito do Município de Barra Mansa-RJ, Professor Moacyr Artur Chiesse e esposa Professora Alzira da Silva Chiesse, ex-proprietários da fazenda, março de 2009*.

GRAÇA, Plínio. *Estância Turística e Ecológica de Bananal: Terra dos Barões do Café*. Organizador Plínio Graça. São Paulo: Nova América, 2006 (série conto, canto e encanto com a minha história...).

Jornal *A Voz do Município*, Bananal-(SP), de 16 a 30/06/1986, pág. 6;

Lima, Roberto Guião de Souza. *Volta Redonda do Café ao Leite: 140 anos de História*. Volta Redonda – RJ: 2004.

\_\_\_\_\_. *ARQUIVO RGSL*. Volta Redonda: 1979-2009. *Notas sobre as obras do artista José Maria Villaronga*. Rio de Janeiro: Revista do IHGRJ, Ano 14, nº14, 2005;

LUZ, Rogério Ribeiro da. *cinco cidades Paulistas – Uma pequena viagem*. Historiador, engenheiro paulista e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. São Paulo: 2002;

PORTO, Luiz de Almeida Nogueira. *Bananal no Império*. Bananal (Fazenda Maruzem): 1994;

ROCHA, Alan Carlos. Historiador. *Curiosidades Rurais*, Jornal da Academia Barramansense de História (ABH) (edições diversas). Barra Mansa: julho 2006;

RODRIGUES, Pindaro de Carvalho. *O Caminho Novo: povoadores do Bananal*. São Paulo: Governo do Estado, 1980;